AUTORA BESTSELLER N.º 1 DO THE NEW YORK TIMES

# ELIZABETH GILBERT SIDAD DAS MULHERES



Faz disparates, mas fá-los com entusiasmo. COLETTE

# Nova Iorque, Abril de 2010

Recebi uma carta da filha dele, um dia destes.

Angela.

Pensei muitas vezes na Angela ao longo dos anos, mas esta foi apenas a nossa terceira interacção.

A primeira foi quando lhe fiz o vestido de noiva, em 1971.

A segunda, quando me escreveu a dizer que o pai tinha morrido. Isto em 1977.

Agora, escrevia-me para comunicar o falecimento da mãe. Não sei muito bem como a Angela esperaria que eu recebesse a notícia. Talvez julgasse que me ia deixar desconcertada. Dito isto, não desconfio de nenhuma malícia da parte dela. A Angela não é desse género. É boa pessoa. Mais importante, é uma pessoa interessante.

Fiquei, no entanto, tremendamente surpreendida por saber que a mãe da Angela tinha durado tanto tempo. Presumira que a mulher já morrera há séculos. Deus sabe que todos os outros já morreram. (Mas porque havia de me espantar a longevidade de qualquer pessoa, quando eu própria me tenho agarrado à existência como uma lapa ao fundo de um barco? Não posso ser a única anciã ainda a arrastar-se por Nova Iorque, recusando-se a abandonar a vida e a sua propriedade.)

Mas foi a última frase da carta da Angela que mais impacto causou em mim. «Vivian», escreveu a Angela, «tendo em conta que a minha mãe faleceu, gostava de saber se agora já se sentiria mais à vontade para me contar o que foi para o meu pai.»

Ora muito bem.

Que fui eu para o pai dela?

Apenas ele poderia ter respondido a essa pergunta. E, uma vez que optou por não falar com a filha sobre mim, não me cabe contar à Angela o que fui para ele.

Posso, no entanto, contar-lhe o que ele foi para mim.

## UM

No Verão de 1940, era eu uma idiota de dezanove anos, os meus pais enviaram-me para a casa da tia Peg, que era dona de uma companhia de teatro em Nova Iorque.

Eu acabara de ser dispensada da Faculdade de Vassar por nunca ter frequentado as aulas e, consequentemente, ter chumbado a todos os exames do primeiro ano. Não era tão burra quanto as minhas notas me faziam parecer, mas, patentemente, isso não importa muito se não se estuda. Quando agora penso no assunto, não consigo recordar muito bem como ocupava o tempo durante as muitas horas que devia ter passado nas aulas, mas — conhecendo-me como me conheço — suponho que andava terrivelmente absorvida pela minha aparência. (Lembro-me, por acaso, de, nesse ano, tentar dominar a técnica do «rolo invertido» — um penteado que, embora infinitamente importante e bastante desafiador para mim, *não era muito Vassar.*)

Nunca tinha encontrado ali o meu lugar, ainda que houvesse bastantes lugares para descobrir em Vassar. Naquela instituição, existiam todo o tipo de raparigas e cliques, mas nenhum me suscitava curiosidade nem me fazia sentir reflectida. Naquele ano, tínhamos as revolucionárias políticas, que usavam as suas calças pretas sérias e discutiam opiniões a respeito do fomento internacional, mas eu não estava interessada no fomento internacional. (Continuo a não estar. Aquilo em que reparava, isso sim, era nas calças pretas, que achava fascinantemente chiques — desde que os bolsos não ficassem salientes.) E havia em Vassar raparigas que eram ousadas exploradoras académicas, destinadas a tornar-se médicas e advogadas muito antes de muitas mulheres fazerem esse tipo de coisa. Devia ter-me interessado por essas, mas não me interessei. (Não as conseguia distinguir umas das outras, para começar. Usavam todas as mesmas saias de lã direitas e aparentemente feitas de camisolas velhas, o que só me deixava desanimada.)

Não que Vassar fosse *completamente* destituída de charme. Havia umas quantas sentimentais medievalistas de olhos de corça e bastante bonitas, e algumas artistas de cabelo comprido e enfatuado, e umas socialites de alta estirpe, com perfis de galgos italianos — mas não fiz amizade com nenhuma delas. Talvez

porque sentia que toda a gente naquela faculdade era mais esperta do que eu. (Não é inteiramente paranóia juvenil; mantenho a convicção de que toda a gente era *mesmo* mais esperta do que eu.)

Para ser honesta, não percebia o que estava a fazer na faculdade, para além de cumprir um destino cujo objectivo ninguém se dera ao trabalho de me explicar. Tinham-me dito, desde a mais tenra infância, que iria para Vassar, mas ninguém me explicou porquê. Para que era aquilo tudo? O que eu ia retirar dali, exactamente? E porque estava a viver naquele pequeno dormitório repolhudo, com uma convicta futura reformista social?

E, de qualquer maneira, já estava farta de aprender, por aquela altura. Já estudara durante anos na Escola para Raparigas Emma Willard, em Troy, Nova Iorque, com o seu brilhante e exclusivamente feminino corpo docente de formadas nas Seven Sisters — e não era isso suficiente? Andara num colégio interno desde os doze anos, e talvez sentisse que já tinha cumprido a minha pena. Quantos livros mais precisa uma pessoa de ler para provar que consegue ler um livro? Eu já sabia quem era Carlos Magno, por isso, que me deixassem em paz. Era assim que eu pensava.

Além disso, pouco depois de começarem as aulas em Vassar, tinha descoberto um bar em Poughkeepsie que oferecia cerveja barata e *jazz* ao vivo pela noite dentro. Descobrira uma forma de sair às escondidas do *campus* para frequentar esse bar (o meu ardiloso plano de fuga envolvia uma janela de casa de banho destrancada e uma bicicleta escondida — acredita, eu era a desgraça da vigilante), o que dificultava a absorção das conjugações do latim ao início da manhã, tendo em conta que costumava estar de ressaca.

E havia outros obstáculos.

Tinha aqueles cigarros todos para fumar, por exemplo.

Resumindo, andava ocupada.

Por conseguinte, num universo de 362 jovens mulheres inteligentes de Vassar, eu acabei no 361.º lugar — um facto que fez o meu pai comentar, horrorizado: «Santo Deus, que andou a *outra* rapariga a fazer?» (A contrair poliomielite, veio-se a saber, coitada.) Por conseguinte, a Vassar mandou-me para casa — é justo — e solicitou amavelmente que não regressasse.

A minha mãe não sabia o que fazer comigo. Não tínhamos a melhor das relações, para dizer o mínimo. Ela era uma cavaleira entusiástica e, dado que eu não era nem um cavalo nem fascinada por cavalos, nunca tínhamos muito sobre que conversar. E, agora, eu envergonhara-a tão profundamente com o meu fracasso que ela mal suportava olhar para mim. Ao contrário de mim, a minha mãe saíra-se

bastante bem na Vassar, muito obrigada. (Turma de 1915. História e Francês.) O seu legado — e generosos donativos anuais — tinha assegurado a minha admissão naquela consagrada instituição, e agora olhem para mim. Sempre que se cruzava comigo pelos corredores da nossa casa, acenava-me com a cabeça como um diplomata de carreira. Educada mas gélida.

O meu pai também não sabia o que fazer de mim, embora estivesse ocupado a gerir a sua mina de hematite e não se interessasse excessivamente pelo problema da filha. Eu desiludira-o, é certo, mas ele tinha preocupações maiores. Era um industrial e um isolacionista, e a escalada da guerra na Europa fazia-o temer pelo futuro do negócio. Suponho que andava distraído com tudo isso.

Quanto ao meu irmão mais velho, o Walter, andava a fazer coisas grandiosas em Princeton, e não perdia tempo a pensar em mim senão para reprovar o meu comportamento irresponsável. O Walter nunca tinha feito uma coisa irresponsável na vida. Fora tão respeitado pelos seus pares no colégio interno, que o alcunharam de — e não estou a inventar — o Embaixador. Agora, estudava Engenharia porque queria construir infra-estruturas que ajudassem pessoas pelo mundo inteiro. (Junte-se ao meu catálogo de pecados o facto de eu, em contrapartida, nem saber ao certo o significado da palavra «infra-estrutura».) Embora tivéssemos idades próximas — separados por uns meros dois anos —, o Walter e eu não tínhamos sido companheiros de brincadeiras desde pequeninos. O meu irmão guardara todas as suas coisas infantis quando andava por volta dos nove anos, e entre essas coisas infantis encontrava-se também a irmã. Eu não fazia parte da vida dele, e sabia-o.

As minhas amigas também avançavam com as suas vidas. Iam desaparecendo na faculdade, no trabalho, no casamento, no estado adulto — tudo assuntos pelos quais eu não tinha qualquer interesse nem tão-pouco compreendia. Assim, não havia ninguém à minha volta que se preocupasse comigo ou me entretivesse. Andava entediada e apática. Tão aborrecida que era como se tivesse dores de fome. Passei as primeiras duas semanas de Junho a bater com uma bola de ténis contra a parede da garagem enquanto assobiava «Little Brown Jug» vezes sem conta, até, por fim, os meus pais se fartarem e me mandarem para a casa da minha tia na cidade, e, honestamente, quem os pode censurar?

Claro, podiam ter temido que Nova Iorque me transformasse em comunista, ou drogada, mas qualquer coisa tinha de ser melhor do que ouvir a filha a bater com uma bola de ténis na parede para o resto da eternidade.

Foi assim que vim para a cidade, Angela, e foi aí que tudo começou.

\*

Enviaram-me para Nova Iorque de comboio — e que comboio fantástico que era. O *Empire State Express*, acabado de sair de Utica. Um cintilante e cromado dispositivo de entrega de filhas delinquentes. Despedi-me educadamente da minha mãe e do meu pai e entreguei a bagagem a um carregador, o que me fez sentir importante. Fui sentada no vagão-restaurante durante todo o percurso, a bebericar leite maltado, a comer pêras de conserva, a fumar cigarros e a folhear revistas. Sabia que estava a ser expulsa, mas, mesmo assim... era *com estilo!* 

Os comboios eram tão melhores naquela altura, Angela.

Prometo que farei os possíveis por não repetir uma e outra vez como era tudo tão melhor no meu tempo. Sempre detestei ouvir os velhos com esta lengalenga, quando era nova. (Ninguém quer saber! Ninguém quer saber dessa tua Idade de Ouro, velha tagarela!) E quero até garantir-te: tenho noção de que muitas coisas não eram melhores na década de 1940. Os desodorizantes e os ares-condicionados eram horrivelmente desadequados, por exemplo, pelo que toda a gente fedia como o raio, em especial no Verão, e também tivemos o Hitler. Mas os comboios da altura eram inquestionavelmente melhores. Quando foi a última vez que pudeste apreciar um leite maltado e um cigarro no comboio?

Embarquei na carruagem usando um alegre vestidinho de raiom azul com padrão de cotovias, saia moderadamente justa e bolsos profundos nas ancas. Lembro-me tão claramente do vestido porque, primeiro, nunca esqueço o que qualquer pessoa veste, nunca *mesmo*, e depois porque fui eu a costurar a coisa. E fiz um belo trabalho. O franzido — que chegava a meio da barriga da perna — era sedutor e eficaz. Lembro-me de ter cosido no vestido uns chumaços de ombros adicionais, numa tentativa desesperada de parecer a Joan Crawford — embora não tenha a certeza de que o efeito funcionava. Com o meu modesto chapéu *cloche* e a simples carteira azul emprestada-pela-mãe (cheia de cosméticos, cigarros e não muito mais), não parecia uma sereia do grande ecrã mas antes aquilo que realmente era: uma virgem de dezanove anos de visita a uma parente.

A acompanhar esta virgem de dezanove anos a caminho da cidade de Nova Iorque seguiam duas grandes malas — uma cheia com as minhas roupas, todas cuidadosamente embrulhadas em papel, e a outra cheia de tecidos, adereços e artigos de costura para poder fazer mais roupas. Também comigo seguia uma caixa robusta contendo a minha máquina de costura — uma besta pesada e impiedosa,

complicada de transportar. Mas era a minha demente e linda alma-gémea, sem a qual não podia viver.

Por isso levei-a comigo.

Aquela máquina de costura — e tudo o que ela trouxe, subsequentemente, à minha vida — devo-a à avó Morris, por isso falemos dela só por um bocadinho.

Podes ler a palavra «avó», Angela, e talvez a tua mente evoque a imagem de uma velhinha doce de cabelos brancos. A minha avó não era nada disso. A minha avó era uma coquete alta e apaixonada, e envelhecida, com cabelo pintado de cor de mogno, que avançava pela vida numa pluma de perfume e mexericos e se vestia como uma artista de circo.

Era a mulher mais colorida do mundo — e digo isto em todos os sentidos da palavra «colorida». A minha avó usava vestidos de veludo em cores elaboradas cores a que não chamava rosa, nem bordeaux, nem azul, como o resto do público desprovido de imaginação, mas que, em vez disso, referia como «cinzas de rosa» ou «cordoyês» ou «della Robbia». Tinha as orelhas furadas, ao contrário da major parte das senhoras respeitáveis daquele tempo, e era dona de várias luxuosas caixas de joalharia cheias de uma confusão de fios, brincos e pulseiras, baratos e caros. Tinha uma roupa de automobilista para os seus passeios vespertinos no campo, e os chapéus dela eram tão grandes que exigiam o seu próprio assento no teatro. Gostava de gatos e de cosméticos encomendados pelo correio; adorava relatos de homicídios sensacionais nos jornais sensacionalistas; e era conhecida por escrever versos românticos. Mas, mais do que qualquer outra coisa, a minha avó adorava teatro. Ia ver todas as peças e espectáculos que aparecessem na cidade, e também adorava cinema. Acompanhava-a muitas vezes, já que possuíamos exactamente o mesmo gosto. (Tanto eu como a avó Morris gravitávamos para histórias com raparigas inocentes, de vestidos etéreos, que eram raptadas por homens perigosos de chapéus sinistros e salvas por outros homens de queixos orgulhosos.)

Obviamente, adorava-a.

O resto da família, contudo, não. A minha avó envergonhava toda a gente excepto eu. Envergonhava, em especial, a nora (a minha mãe), que *não era* uma pessoa frívola e que nunca deixava de estremecer perante a avó Morris, a quem se referiu uma vez como «aquela perpétua adolescente».

A minha mãe, escusado será dizer, não era conhecida por escrever versos românticos.

\*

Mas foi a avó Morris que me ensinou a coser.

Era uma mestre da costura. (Tinha sido ensinada pela *sua* avó, que conseguira ascender da posição de criada imigrante irlandesa a influente dama americana numa única geração, graças, em grande parte, à sua perícia com a agulha.) A minha avó queria que eu também fosse uma mestre da costura. Por isso, quando não estávamos a comer caramelos no cinema, ou a ler uma à outra, em voz alta, artigos de revistas sobre o tráfico de escravos brancos, estávamos a costurar. E esse era um assunto sério. A avó Morris não tinha medo de exigir excelência da minha parte. Cosia dez pontos numa peça e depois mandava-me coser os dez seguintes — e se os meus não estivessem tão perfeitos como os dela, cortava-os e obrigava-me a repetir. Orientou-me no manuseamento de materiais tão impossíveis como o tule e a renda, até eu deixar de me sentir intimidada com qualquer tecido, por mais temperamental que fosse. E estrutura! E acolchoado! E alfaiataria! Pelos meus doze anos, já seria capaz de te costurar um corpete (com barbatanas de baleia e tudo) — embora ninguém senão a avó Morris alguma vez tivesse necessitado de um corpete de barbatanas de baleia desde cerca de 1910.

Por mais severa que ela pudesse ser na máquina de costura, eu nunca me ressentia sob as mãos dela. As críticas dela ardiam, mas sem doer. Sentia-me suficientemente fascinada pela moda para querer aprender, e sabia que ela só desejava desenvolver as minhas capacidades.

Os seus elogios eram raros, mas alimentavam-me os dedos. Ganhei destreza. Quando tinha treze anos, a avó Morris comprou-me a máquina de costura que me acompanharia mais tarde na viagem de comboio para Nova Iorque. Era uma elegante *Singer* 201 preta, criminosamente poderosa (podia-se coser couro com ela; eu podia ter estofado um *Bugatti* com aquela coisa!). É, até aos dias de hoje, o melhor presente que alguma vez recebi. Levei a *Singer* comigo para o colégio interno, onde me deu um enorme poder no seio daquela comunidade de raparigas privilegiadas que queriam vestir-se bem mas não possuíam necessariamente as competências para o fazer. Quando se espalhou a notícia de que eu sabia costurar qualquer coisa — e, na verdade, sabia mesmo —, as outras raparigas da Emma Willard passaram a bater-me à porta, suplicando que lhes alargasse um cós, lhes fizesse uma bainha, ou pegasse no vestido formal de uma irmã mais velha e lhos ajustasse. Passei aqueles anos debruçada sobre a *Singer* como um artilheiro, e valeu a pena. Tornei-me popular — que é a única coisa que interessa, na verdade, num colégio interno. Ou em qualquer outro lado.

Devo dizer que a minha avó também me ensinou a costurar devido às formas estranhas do meu corpo. Desde a mais tenra infância que eu sempre fora demasiado alta, demasiado magricela. A adolescência veio e passou e só me tornei mais alta. Durante anos, não tive peito que se visse, e tinha um tronco que se prolongava até ao infinito. Os braços e pernas eram raminhos. Nada comprado numa loja me servia, por isso seria sempre melhor para mim fazer as minhas próprias roupas. E a avó Morris — bendita seja — ensinou-me a vestir-me de uma forma que valorizava a minha altura, em vez de me fazer parecer andar em cima de andas.

Pode parecer que estou a ser autodepreciativa a respeito do meu aspecto, mas não é isso. Estou apenas a transmitir os factos da minha fisionomia: era comprida e alta, mais nada. E se soar que me estou a preparar para te contar a história do patinho feio que vai para a cidade e descobre que afinal é bonito — não te preocupes, não é uma história dessas.

Sempre fui bonita, Angela.

Mais do que isso, sempre o soube.

Foi por ser tão bonita, de facto, que um homem no vagão-restaurante do *Empire State Express* se pôs a olhar para mim enquanto eu bebia o meu leite maltado e comia as pêras em conserva.

Finalmente, aproximou-se e perguntou se me podia acender o cigarro. Concordei, e ele sentou-se e começou a meter-se comigo. Fiquei entusiasmada com a atenção, mas não sabia como corresponder. Por isso reagi aos avanços dele olhando pela janela e fingindo-me embrenhada em pensamentos. Franzi ligeiramente o sobrolho, esperando parecer séria e dramática, embora provavelmente só parecesse míope e confusa.

Esta cena teria sido ainda mais embaraçosa se eu não tivesse acabado por me distrair com o meu próprio reflexo na janela do comboio, o que me manteve ocupada durante um bom tempo. (Perdoa-me, Angela, mas ficar cativada pelo nosso próprio aspecto faz parte de se ser nova e bonita.) Afinal, nem sequer aquele atraente desconhecido era tão interessante como a forma das minhas sobrancelhas. Não só estava interessada na perícia com que as arranjara — embora me encontrasse absolutamente *fascinada* por esse assunto — como, por acaso, tentara aprender nesse Verão a erguer uma única sobrancelha de cada vez, como a Vivien Leigh no *E Tudo o Vento Levou*. Praticar esse efeito exigia concentração, como deves imaginar. Por isso podes perceber como o tempo voou enquanto me perdia no meu próprio reflexo.

### ELIZABETH GILBERT

Quando voltei a erguer o olhar, já tínhamos chegado à Estação Grand Central, a minha nova vida estava prestes a começar e o homem atraente há muito desaparecera.

Mas, não te preocupes, Angela — eu tinha muitos outros homens atraentes à minha frente.

Ah! Devo também dizer-te — para o caso de quereres saber que foi feito dela — que a minha avó Morris morreu cerca de um ano antes de aquele comboio me depositar em Nova Iorque. Faleceu em Agosto de 1939, poucas semanas antes de eu começar as aulas na Vassar. A morte dela não foi uma surpresa — havia anos que declinava — mas, mesmo assim, a sua perda (minha melhor amiga, minha mentora, minha confidente) desolou-me até ao fundo da alma.

Sabes uma coisa, Angela? Essa devastação pode ter tido alguma coisa a ver com o meu pobre desempenho no primeiro ano de faculdade. Talvez não tivesse sido uma aluna assim tão má, afinal, Talvez estivesse apenas *triste*.

Só agora, enquanto te escrevo, me apercebo desta possibilidade.

Oh, céus.

Por vezes, leva-se tanto tempo a perceber as coisas.

# DOIS

Seja como for, cheguei a Nova Iorque sã e salva — uma rapariga tão acabada de sair do choco que quase ainda vinha com gema no cabelo.

Em princípio, a tia Peg viria buscar-me à Grand Central. Os meus pais tinham-me informado disso enquanto eu embarcava no comboio em Utica naquela manhã, mas ninguém mencionara um plano em particular. Não me disseram onde devia esperar por ela. Também não me deram nenhum número de telefone para onde ligar em caso de emergência, nenhuma morada aonde ir ter, se desse por mim sozinha. Eu devia simplesmente «encontrar-me com a tia Peg na Grand Central», mais nada.

Bem, como o nome indica, a Estação Grand Central é mesmo grande, além de um lugar ideal para não se encontrar uma pessoa, por isso não surpreende que eu não tenha localizado a tia Peg quando cheguei. Fiquei montes de tempo especada na plataforma, com a minha montanha de bagagem, a observar a estação apinhada de criaturas, nenhuma delas parecida com a tia Peg.

Não que eu soubesse como ela era. Já me encontrara com a minha tia algumas vezes, embora ela e o meu pai não fossem muito chegados. (Isto talvez seja um eufemismo. O meu pai não aprovava a tia Peg, tal como a mãe deles não aprovara. Sempre que o nome Peg era mencionado à mesa do jantar, o meu pai soltava um ronco de desdém pelo nariz e dizia: «Então não é tão bom? Andar a vadiar pelo mundo, viver na terra do faz-de-conta e gastar às centenas!» E eu pensava: *Por acaso, até parece...*)

A tia Peg viera a alguns Natais de família quando eu era pequena — mas não muitos, porque andava sempre na estrada com a sua companhia de teatro itinerante. A minha memória mais marcante dela era ter ido passar um dia a Nova Iorque, aos onze anos, acompanhando o meu pai numa viagem de negócios. A Peg levou-me a andar de patins no Central Park e a visitar o Pai Natal. (Embora ambas concordássemos que eu já era demasiado crescida para o Pai Natal, não o teria perdido por nada deste mundo e fiquei secretamente entusiasmada por o conhecer.) Depois, almoçámos juntas num bufete. Foi um dos dias mais encantadores da minha vida. O meu pai e eu não dormimos na cidade porque ele detestava

e desconfiava de Nova Iorque, mas foi um dia glorioso, posso garantir-te. Achei a minha tia fantástica. Prestou-me atenção como *pessoa*, não como criança, e isso é tudo para uma criança de onze anos que não quer ser vista como criança.

Mais recentemente, a tia Peg tinha ido à minha cidade natal de Clinton para o funeral da avó Morris, a mãe dela. Sentou-se ao meu lado durante a cerimónia religiosa e segurou-me na mão com a sua grande pata hábil. Este gesto consolou-me e surpreendeu-me ao mesmo tempo (a minha família não era de dar a mão, por mais chocante que isso te possa parecer). Depois do funeral, a Peg abraçou-me com a força de um lenhador e eu dissolvi-me nos seus braços, despejando um Niágara de lágrimas. Cheirava a sabonete de alfazema, cigarros e gin. Agarrei-me a ela como um pequeno coala trágico. Mas não pudemos passar muito tempo juntas depois do funeral. Ela precisou de partir de imediato, porque tinha um espectáculo para produzir na cidade. Senti-me envergonhada por me ter desfeito nos seus braços, por mais reconfortante que ela tivesse sido.

Mal a conhecia, afinal de contas.

De facto, o que se segue é absolutamente tudo o que eu sabia sobre a minha tia Peg, por altura da minha chegada a Nova Iorque com dezanove anos:

Sabia que a Peg era dona de um teatro chamado Lily Playhouse, localizado algures no centro de Manhattan.

Sabia que não tinha planeado uma carreira no teatro, mas que esse trabalho lhe acontecera por acaso.

Sabia que se formara como enfermeira da Cruz Vermelha, curiosamente, e que estivera destacada em França durante a Primeira Guerra Mundial.

Sabia que, algures ao longo desse caminho, a Peg descobrira que tinha muito mais talento para organizar entretenimento para os soldados feridos do que para lhes tratar dos ferimentos. Tinha jeito, descobriu, para montar espectáculos em hospitais de campo e casernas, espectáculos baratos, rápidos, espalhafatosos e cómicos. A guerra é uma coisa horrível, mas ensina *alguma coisa* a toda a gente; esta guerra em particular ensinou a minha tia Peg a organizar um espectáculo.

Sabia que a Peg tinha ficado bastante tempo em Londres, depois do fim da guerra, a trabalhar em teatro. Andava a produzir uma revista no West End quando conheceu o seu futuro marido, Billy Buell — um atraente e elegante oficial do exército americano que também tinha decidido permanecer em Londres no fim da guerra, para fazer carreira no teatro. Como a Peg, o Billy era «alguém». A avó Morris costumava descrever a família Buell como «enjoativamente rica». (Levei anos a perceber o significado exacto dessa expressão. A minha avó venerava

a riqueza; quanta riqueza seria necessária para ser qualificada como «enjoativa»? Um dia fiz-lhe, por fim, a pergunta, e ela respondeu, como se isso explicasse tudo: «Eles são de *Newport*, querida.») Mas, por muito que fosse de Newport, Billy Buell assemelhava-se à Peg na forma como rejeitara a classe culta de onde provinha. Preferia a dureza e o brilho do mundo do teatro à polidez e repressão da sociedade dos cafés chiques. Além disso, era um *playboy*. Gostava da «boa vida», dizia a avó Morris, o que era a sua expressão educada para «beber, gastar dinheiro e andar atrás de mulheres».

Depois do casamento, o Billy e a Peg Buell regressaram à América. Juntos, criaram uma companhia de teatro itinerante. Passaram a maior parte da década de 1920 na estrada com uma pequena trupe, viajando de cidade em cidade por todo o país. O Billy escrevia e protagonizava as revistas; a Peg produzia-as e encenava-as. O casal nunca teve pretensões desmesuradas. Estavam apenas a divertir-se e a evitar as mais típicas responsabilidades adultas. Mas, apesar de todo o seu esforço para não serem bem-sucedidos, o êxito, por acaso, foi atrás deles e acabou por os apanhar.

Em 1930 — com a Depressão a agravar-se e a nação trémula e assustada —, a minha tia e o marido criaram acidentalmente um grande êxito. O Billy escreveu uma peça chamada *Um Caso Divertido*, que era tão alegre e cómica que as pessoas a devoraram. *Um Caso Divertido* era uma farsa musical sobre uma aristocrática herdeira britânica que se apaixona por um *playboy* americano (representado por Billy Buell, naturalmente). Era uma coisa ligeirinha, como tudo o resto que já tinham levado a cena, mas foi um sucesso estrondoso. Por toda a América, mineiros e agricultores famintos de prazer reuniam todos os trocos que traziam nos bolsos para poderem ver *Um Caso Divertido*, fazendo desta simples e pouco cerebral peça teatral um triunfo rentável. A peça ganhou tal impulso, de facto, e reuniu elogios tão abundantes nos jornais locais que, em 1931, o Billy e a Peg a levaram para Nova lorque, onde ficou durante um ano num preeminente teatro da Broadway.

Em 1932, a MGM fez uma versão cinematográfica de *Um Caso Divertido*—que o Billy escreveu mas não protagonizou. (Foi William Powell que ficou com o papel. Por essa altura da vida, o Billy tinha concluído que a vida de escritor era mais fácil do que a de actor. Os escritores podem trabalhar no horário que bem entenderem, não estão à mercê de um público e não têm um realizador a dizer-lhes o que devem fazer.) O sucesso de *Um Caso Divertido* gerou uma série de sequelas lucrativas (*Um Divórcio Divertido, Um Bebé Divertido, Um Safari Divertido*) que Hollywood fabricou durante alguns anos como salsichas numa charcutaria. Todo o projecto *Divertido* resultou em montes de dinheiro para o Billy e a Peg, mas também marcou o fim do casamento. O Billy apaixonou-se por Hollywood

e nunca de lá regressou. Quanto à Peg, decidiu pôr um ponto final na companhia itinerante e usar a sua metade dos direitos do *Divertido* para comprar um teatro velho e decrépito em Nova Iorque: o Lily Playhouse.

Tudo isto aconteceu por volta de 1935.

O Billy e a Peg nunca se divorciaram oficialmente. E, embora parecesse não haver ressentimentos entre eles, depois de 1935 também ninguém lhes poderia propriamente chamar «casados». Não partilhavam nem lar nem profissão, e, por insistência da Peg, também já não partilhavam as finanças — o que significava que todo o cintilante dinheiro de Newport ficou fora do alcance da minha tia. (A avó Morris não percebia por que estava a Peg disposta a virar costas à fortuna do Billy, limitando-se a comentar acerca da filha, com clara desilusão: «A Peg nunca quis saber de dinheiro, infelizmente.») A minha avó especulava que a Peg e o Billy nunca se tinham divorciado oficialmente porque eram «demasiado boémios» para se preocuparem com tais questões. Ou talvez ainda se amassem. Só que o amor deles era daqueles que só prosperam quando marido e mulher estão separados pela distância de um continente inteiro. («Não te rias», dizia a minha avó. «Há muitos casamentos que funcionam melhor assim.»)

A única coisa que sei é que o tio Billy esteve fora de cena durante toda a minha jovem vida — primeiro porque estava em digressão e mais tarde porque se instalara na Califórnia. Estava tão fora de cena, que nunca cheguei a conhecê-lo. Para mim, Billy Buell era um mito, composto por histórias e fotografias. E que histórias e fotografias glamorosas! Eu e a avó Morris víamos com frequência a fotografia do Billy nas revistas cor-de-rosa de Hollywood, ou líamos a seu respeito nas colunas de mexericos do Walter Winchell e da Louella Parsons¹. Ficámos *extasiadas*, por exemplo, quando soubemos que ele tinha sido convidado para o casamento da Jeanette MacDonald e do Gene Raymond! Até apareceu na *Variety* uma fotografia dele no copo-d'água, mesmo atrás da luminosa Jeanette MacDonald, com o seu vestido de noiva rosa-pálido. Na foto, o Billy está a conversar com a Ginger Rogers e o marido da altura, Lew Ayres. A minha avó apontou-me o Billy e disse:

— Cá está ele, a fazer conquistas pelo país inteiro, como de costume. E olha só a maneira como a Ginger lhe sorri! Se eu fosse o Lew Ayres, ficava de olho na minha mulher.

Observei atentamente a fotografia, usando a lupa da minha avó. Vi um homem louro e elegante vestido de *smoking* e com a mão no braço da Ginger

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Famosos colunistas sociais americanos. (N. da T.)

Rogers, enquanto ela, de facto, o olhava com um ar deliciado. O Billy parecia mais uma estrela de cinema do que as verdadeiras estrelas de cinema que o rodeavam.

Achei extraordinário que esta pessoa fosse casada com a minha tia Peg.

A Peg era maravilhosa, claro, mas era tão simples.

Oue diabo teria ele visto nela?

Não consegui encontrar a Peg em lado nenhum.

Já tinha passado tempo suficiente para abandonar oficialmente a esperança de ser recebida na plataforma do comboio. Despachei a minha bagagem com um carregador e andei a vaguear por entre a apressada massa de humanidade que era a Grand Central, tentando encontrar a minha tia no meio da confluência. Talvez penses que me senti inquieta ao dar por mim sozinha em Nova Iorque, sem plano nem acompanhante, mas, por alguma razão, isso não aconteceu. (Talvez isto seja uma marca do privilégio: certas jovens de bem não conseguem, simplesmente, *conceber* a possibilidade de não aparecer alguém dentro de pouco tempo para as salvar.)

Por fim, desisti de vaguear e sentei-me num banco instalado num local preeminente no átrio principal, para esperar a minha salvação.

E, enfim, com o tempo, acabei por ser encontrada.

A minha salvadora chegou sob a forma de uma mulher baixa, de cabelo grisalho, vestida com um modesto fato cinzento, que me abordou da maneira como um são-bernardo aborda um esquiador perdido — com dedicada concentração e séria intenção de salvar uma vida.

«Modesto» não é, na verdade, uma palavra suficientemente forte para descrever o fato que aquela mulher usava. Era um bloco de cimento assertoado e quadrado — o tipo de vestuário intencionalmente concebido para fazer o mundo pensar que as mulheres não possuem seios, cinturas nem ancas. Pareceu-me uma importação britânica. Era um susto. A mulher também tinha volumosos sapatos pretos rasos, de cordões, e um chapéu de lã verde antiquado, do tipo que as mulheres que governam orfanatos adoram. Conhecera o género no colégio interno: ela parecia daquelas solteironas que bebiam *Ovomaltine* ao jantar e faziam gargarejos com água salgada para obter vitalidade.

Era um mono de uma ponta à outra, e, mais do que isso, era um mono de propósito.

Este tijolo de mulher aproximou-se de mim com grande sentido de missão e sobrolho franzido, segurando uma fotografia de tamanho desconcertante numa moldura ornada de prata. Olhou atentamente para a fotografia e depois para mim.

— És a Vivian Morris? — interrogou. O seu sotaque acentuado denunciou que o fato assertoado não era a única severa importação britânica à vista.

Concedi que sim, era.

- Estás crescida - disse ela.

Fiquei confusa. Conhecia esta mulher? Tê-la-ia conhecido quando era mais nova?

Vendo a minha confusão, a desconhecida mostrou-me a fotografia emoldurada nas suas mãos. Percebi, espantada, que se tratava de um retrato da minha própria família, de alguns anos antes. Era uma fotografia que tínhamos tirado num estúdio, quando a minha mãe decidira que necessitávamos de ficar, nas suas palavras, «oficialmente documentados, para variar». Ali estavam os meus pais, a tolerar a indignidade de serem fotografados por um profissional. Ali estava o meu irmão Walter, de ar pensativo, a mão no ombro da minha mãe. E ali estava uma versão mais desengonçada e mais jovem da minha pessoa, com um vestido de marinheiro demasiado infantil para a minha idade.

— Chamo-me Olive Thompson — anunciou a mulher, numa voz que indicava estar habituada a fazer anúncios. — Sou secretária da tua tia. Ela não teve possibilidade de vir. Houve uma emergência no teatro. Um pequeno incêndio. Pediu-me para te vir buscar. As minhas desculpas por te ter feito esperar. Estou aqui há várias horas, mas, como a minha única forma de te identificar era esta foto, levei algum tempo a localizar-te. Como podes ver.

Tive vontade de rir, naquela altura, e tenho vontade de rir agora só de me lembrar. A ideia desta mulher seca de meia-idade a andar às voltas pela Estação Grand Central com uma fotografia gigante numa moldura de prata — uma moldura que parecia ter sido arrancada à pressa da parede de uma pessoa rica qualquer (como acontecera, de facto) — e a olhar para cada rosto, tentando comparar a pessoa à sua frente com o retrato de uma rapariga tirado quatro anos antes, parecia-me maliciosamente cómica. Como teria escapado à minha atenção?

Olive Thompson, porém, não parecia achar isto nada cómico.

Pouco tempo demorei a perceber que isso era típico nela.

— As tuas malas — disse-me. — Podes ir buscá-las. Depois apanhamos um táxi para o Lily. O último espectáculo já começou. Agora despacha-te. Nada de tolices.

Caminhei obedientemente atrás dela, uma patinha a seguir a mãe-pata.

Sem tolices.

Pensei: «Um pequeno incêndio?» Mas não tive coragem de fazer perguntas.

«DE QUALQUER MANEIRA, HÁ UMA ALTURA EM QUE UMA MULHER SIMPLESMENTE SE CANSA DE PASSAR A VIDA ENVERGONHADA. DEPOIS DISSO, É LIVRE DE SE TORNAR QUEM REALMENTE É.»

No Verão de 1940, aos 19 anos, empurrada pelo desespero dos pais, Vivian Morris chega a Manhattan levando consigo apenas uma mala e uma máquina de costura. Embora pouco apreciados na prestigiada Faculdade de Vassar, o seu especial talento com as agulhas e a sua dedicação para lograr o penteado perfeito acabaram por transformá-la na estilista estrela de Lily Playhouse, o decadente teatro de variedades da sua nada convencional tia Peg.

Apesar da guerra, os dias em Nova lorque são tudo menos aborrecidos. Nesta cidade das mulheres, Vivian e as suas amigas tentam ser livres e beber a vida até à última gota. Mas ela também descobrirá que tem lições para aprender e amargos erros para cometer e que, para viver a vida que verdadeiramente deseja, terá de se reinventar a cada passo.

A BRILHANTE AUTORA DE COMER, ORAR, AMAR

VOLTA COM UMA HISTÓRIA DE AMOR ÚNICA,

CHEIA DE GLAMOUR, HUMOR E PAIXÃO PELA VIDA.









